

**SUPERPOSTERS
FLAMENGO E
GRÊMIO CAMPEÕES**

PLACAR

N.º 812 13/DEZEMBRO/85 Cr\$ 11 000



*Careca, 21 gols,
artilheiro do
Campeonato Paulista*

**BASQUETE:
MORTARI DÁ
VIDA NOVA
AO CORINTHIANS**

**AS DECISÕES
DE MINAS E RECIFE**

Está pintando o campeão

O INCRÍVEL SÃO PAULO

*Müller, 19 gols,
vice-artilheiro do
Campeonato Paulista*

Até o inimigo gosta do tricolor

O São Paulo é elogiado pelo próprio Guarani depois de batê-lo por 3 x 0 e garantir seu lugar na final

“**V**amos fazer o olho do tigre.” Durante a semana que antecedeu a vitória sobre o Guarani por 3 x 0, no sábado, e garantiu a presença do São Paulo nas finais do Campeonato Paulista, esta frase correu como uma espécie de código entre os jogadores tricolores. Era mais um dos truques do técnico Cilinho, que pinçou a expressão do filme *Rocky III*, interpretado por Sylvester Stallone. “É o que o treinador de Rocky lhe diz quando ele se prepara para tentar reconquistar o título mundial: fazer o olhar do tigre para paralisar o adversário”, explicava o centroavante Careca no vestiário, cercado de torcedores e cartolas.

Difícil saber se Careca fez o tal olhar durante o jogo. O pavor que espalhou na defesa do Guarani, porém, foi digno de qualquer adversário do gigantesco Stallone no cinema. Extremamente veloz, criativo, por vezes brilhante, ele provou estar mesmo na melhor fase de sua carreira e muito além de qualquer concorrente na posição. Marcou dois gols, completou 21 no campeonato e promete mais para as duas partidas da final. “Ainda não colhemos todos os nossos frutos”, avisava, reservando-se ainda o direito de alfinetar antigos críticos: “Houve gente aí dizendo que eu tinha acabado na fase ruim. Agora vêm aqui dar tapinhas nas costas. É a vida, né?”

De seu lado, Careca exercitava o bom humor, garantindo que vai acompanhar a novela *Roque Santeiro*, “para aprender melhor os métodos de execução de Sinhozinho Malta (*Lima Duarte*) e aplicá-los na final”. De outro, seu parceiro de ataque e de gols, Müller, que completou 19 gols sábado, afirmava que o importante era o time contar com dois artilheiros, mas que ele ainda não tinha desistido de chegar na fren-

te: “Agora Careca disparou um pouco, mas estou ‘na cola’ dele e, do jeito que o São Paulo está jogando, não é impossível que eu chegue lá”.

Para Müller, o jogo de sábado foi a grande afirmação do São Paulo. “Provamos que a responsabilidade maior não afetou nossa produção”, sustentou. “Ninguém tremeu, sobretudo os mais novos, e isso vai ser fundamental na decisão.” A tranquilidade da equipe também era destacada por Silas, certo de que o resultado de sábado teve muito a ver com a calma demonstrada por todos. “Nós temos exata noção do que podemos fazer”, dizia, convicto. “É por isso que, enfrentando um time forte como o Guarani, conseguimos tornar o jogo fácil.”

JOGADA ITALIANA

De fato, o Guarani nunca chegou a ameaçar seriamente o gol de Gilmar. Quando tentou, esbarrou na segurança da dupla Oscar e Darío Pereyra, imbatível no jogo pelo alto, perfeita por baixo. “Foi a nossa melhor partida no campeonato”, sintetizava Darío, um jogador que sempre cresce em decisões. No sábado não foi diferente. Soberano no desarme e nas antecipações, ele ainda fez a torcida delirar cada vez que arrancava para o ataque, com saúde de puro-sangue. “Não sei se jogo mais, ou menos, em partidas assim. Mas, pelo que me conheço, sei que esse tipo de jogo me agrada, mexe com minha cabeça.”

Mexe tanto que não há espaço para outra coisa na cabeça do uruguaio: “Fico só pensando na hora de entrar ▶

O capitão Falcão, contra Barbiéri, sábado no Morumbi: “Agora, é só deixar jogar”



NICO ESTEVES





FOTOS NICO ESTEVES

Falcão, Edmar, Zé Teodoro, Darío, Oscar e Barbiéri: resgatando a arte do futebol

DECISÃO PAULISTA

Neto, do Guarani: "Como o São Paulo joga bonito"

em campo. Essa semana inteira foi assim". Darío realiza uma espécie de auto-sugestão: "Fico tão ligado que começo a ver imagens da partida. Me vejo correndo, fazendo falta, lutando pela bola. A tensão é enorme e só termina quando o jogo começa de verdade". Provavelmente, fazer o tal olho do tigre, recomendado por Cilinho, é jogar como Darío joga.

Ou como Oscar — que, como seu companheiro de zaga, quase sempre rende muito em partidas decisivas. Ele acredita que a responsabilidade é estimulante "porque aumenta a vontade de ganhar". Sério, a cuidar dos cabelos com um secador elétrico, ele não parecia à vontade no meio do festivo vestiário.

Observando a movimentação e a euforia a sua volta, Oscar explicava que o grupo todo está bem preparado, sobretudo psicologicamente, para as finais. Mas antecipava que pretende conversar muito com os jogadores mais jovens, esta semana: "Não podemos entrar no

oba-oba de dirigentes e torcedores. Isso é muito ruim". Oscar foi o único jogador a quebrar a invariável resposta, sempre na ponta da língua, de todos sobre qual adversário seria melhor, Portuguesa ou Ferroviária. Enquanto os demais não manifestavam preferência, o zagueiro apontava para a Ferroviária, a esta altura o menos provável: "Assim, manteremos a vantagem do empate".

O FUTEBOL DA COPA

Menos direto, mas igualmente brilhante no gramado, Falcão — que jogou sábado como capitão do time — limitava-se a dizer que, seja qual adversário for, o São Paulo terá de ganhar do mesmo jeito. Praticamente ilhado por um batalhão de repórteres, torcedores e guarda-costas, Falcão saboreava uma vitória pessoal, só manifestada quando algum amigo mais íntimo lhe dava os parabéns. Admitia que realmente tinha feito sua melhor partida no São Paulo e argumentava, voz baixa: "É só deixar jogar, só isso". De mais a mais, foi dele grande parte do mérito do segundo gol, o de Müller — uma cobrança de falta que o próprio Falcão trouxe da Roma.

Mas, se alguém saboreava a grande vitória sobre o Guarani, este era o técnico Cilinho, que, além do "olhar do tigre", aplicou novamente a tática de espalhar cartazes e bilhetinhos nos armários de seus jogadores. Sorridente, ele pregava que o futebol do seu time era aquele que o Brasil deveria utilizar na Copa do México: "Vamos torcer para o São Paulo ser campeão, porque é a equipe que resgatou o futebol-arte, bem brasileiro".

Até os adversários, como Barbiéri, para quem "3 x 0 ficou até barato", concordavam. O goleiro Waldir Peres, que deve ir para o Flamengo, e o meia Neto, que quer ir para o Palmeiras (leia na página 42), acharam a derrota "incontestável". E Neto dava a exata dimensão do que Cilinho queria dizer: "O São Paulo é o melhor. E como joga bonito..."

Ari Borges



Careca, 21 gols: "Fazer o olho do tigre"



JUCA KFOURI

Surge a libertação do futebol brasileiro

Depois de infelicitar o esporte brasileiro por mais de dez anos, o voto unitário, finalmente, caiu na Câmara Federal. O tento foi marcado pelo deputado Márcio Braga, numa brilhante investida na qual aliou agilidade, competência e muita cintura.

Agora falta apenas a chancela do Senado, e a partir de 1987 as eleições na esfera esportiva do país poderão ser travadas sob o império da inspiração democrática, principalmente no que diz respeito ao futebol.

Será o fim da injustificável equivalência que hoje existe, por exemplo, entre o peso do voto de um Santos e do inexpressivo Bragantino. Será, também, o fim da subordinação autoritária dos grandes clubes em relação às Federações, o que significa dizer que, a partir de então, os maiores e mais populares clubes do Brasil poderão fazer o Campeonato Brasileiro com que sempre sonharam.

Márcio Braga foi um ótimo presidente do Flamengo. Gol, no entanto, nunca marcou. A aprovação de seu projeto, contudo, faz dele o grande artilheiro do ano, dom Pedro I do futebol.

MARAVILHOSO TRICOLOR

Foi um final de semana com dois jogos — pelos menos os dois que pude ver — de reconciliar a gente com o futebol.

Como classificar, por exemplo, uma equipe como a do São Paulo, que, podendo empatar, enfiou 3 a 0 no Guarani? O que dizer de um time que, num jogo decisivo, teve pelo menos Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra, Márcio Araújo, Müller, Careca, Sídney e Falcão — maravilhoso Falcão, lançando como antigamente, orientando o time como um capitão, lutando feito um garoto —, todos com nota 10? E não que o bom goleiro e estupenda figura humana Gilmar, o lateral Nelsinho e o meia Silas tenham ido mal. Ao contrário, foram bem. Apenas não excederam. E o goleiro porque não foi preciso.

O que dizer de um grupo que possibilita pactos como o feito por Gilmar e Darío, tão logo o esfuziante Careca fez 1 a 0: “Vamos combinar de não tomar mais nenhum gol até o fim do campeonato”, disse um para o outro. O que dizer?

Apenas que o São Paulo de Cílinho resgatou a alegria do jogo e que tem um futuro maravilhoso pela frente. Um futuro talvez tão brilhante como o presente da Juventus, campeã mundial de clubes, no outro grande jogo e que a Rede Bandeirantes mostrou para o país.

Foi uma partida em que o talento de Michel Platini acabou falando mais alto que a comovente garra e disciplina tática dos guerreiros do Argentinos Juniors. Uma disputa que mostrou, sem ufanismo, que o São Paulo reúne hoje uma quantidade de craques que é

difícil encontrar em qualquer parte do mundo, exceção feita, talvez, ao próprio Brasil, onde o Flamengo, com Zico e Sócrates em forma, poderá proporcionar duelos fabulosos com o tricolor a partir do ano que vem.

Mas o futebol está salvo.

A ZEBRA RONDA A CBF

Há um fortíssimo “pool zoológico” apoiando a candidatura Nabi Abi Chedid-Octávio Pinto Guimarães para a CBF: Castor de Andrade, Ivo Noal e Felipe Cheidde. O primeiro dispensa apresentação. O segundo é um dos mais poderosos banqueiros de bicho de São Paulo e o terceiro, que opera na região de São Bernardo do Campo (SP), tem a promessa de Nabi para realizar o sonho de ser o próximo presidente da Federação Paulista de Futebol. Nas últimas eleições na FPF, por sinal, Cheidde tentou e foi derrotado pela dupla Marin-Nabi. Como nas próximas Marin não poderá ser reeleito, o compromisso está feito.

É bom que o futebol brasileiro se cuide, pois, afinal, esquema tão poderoso é capaz de diminuir o otimismo que cerca a candidatura de Medrado Dias, um esportista sem vínculos político-partidários e distante de áreas nebulosas. Medrado, aliás, está cada vez mais convencido de que Telê Santana é mesmo o nome ideal para dirigir a Seleção na Copa do México. Mas o bicho cresce.

O craque de bons negócios

O jovem lateral-direito do São Paulo cresce em campo e aplica os lucros do sucesso nas duas empresas de comércio de arroz de que é sócio em Goiás

O Recanto Goiano, restaurante de comida típica regional instalado no tradicional bairro do Bixiga, em São Paulo, acostumou-se a receber a visita de muitos conterrâneos de Goiás, que ali matam a saudade dos pratos do Brasil central. Na noite de quinta-feira da semana passada, pousava à mesa de madeira rústica outro filho da terra, o baixinho Zé Teodoro, lateral-direito do São Paulo. "Agora posso espalhar para todos que servi meu ídolo", exultava o são-paulino Joílson, um dos garçons da casa, ajeitando o chapéu de palha. O craque tricolor sorria meio sem jeito, ainda pouco acostumado à notoriedade.

Até agosto deste ano, José Teodoro Bonfim Queiroz, que nasceu em Anápolis, florescente cidade do interior de Goiás, era apenas uma grande promessa. Podia exibir como mais importante título o de tricampeão do Torneio de Toulon, na França, pela Seleção Brasileira de Novos. Acrescentava o inédito quinto lugar do Goiás no Campeonato Brasileiro de 1983 e dois títulos estaduais pelo mesmo Goiás em 1981 e 83.

O breve e modesto currículo levantado pelo São Paulo, porém, vinha acompanhado de um dossiê completo, resultado de uma exigência do técnico Cilinho, que mandou vasculhar a vida do jogador. Cilinho, que já conhecia suas qualidades técnicas e físicas, deu-se por satisfeito. "Eu preciso do Zé Teodoro para ser campeão", concluiu Cilinho para o diretor de futebol Juvenal Juvêncio. Faltavam dois dias para se encerrar o prazo de inscrições para o segundo turno do Campeonato Paulista quando o diretor do São Paulo fechou

negócio com o Goiás, por 350 milhões de cruzeiros parcelados em sete vezes. "Foi um negócio de mestre", gaba-se Juvêncio. "O Goiás pedia 800 milhões, mas, como mandamos um estranho negociar em nome de um clube pequeno, o preço caiu. Só dissemos que éramos do São Paulo na hora de pagar a entrada."

Valeu a pena a determinação de Cilinho e a jogada dos cartolas. Em três meses no São Paulo, Zé Teodoro, de 22 anos, 1,69 m e 64 kg, não só conseguiu a camisa de titular como também se tornou constante alvo de elogios — ora por um invejável preparo físico, ora por figurar numa mortal jogada ensaiada de contra-ataque do time, em que é lançado por Pita ou Silas. O resultado é que, dos 19 jogos do São Paulo no segundo turno, Zé Teodoro só ficou fora dos dois primeiros — porque estava chegando — e da partida contra a Ferroviária, suspenso pelo terceiro cartão amarelo.



No Recanto Goiano: matando saudade da terra natal

NELSON COELHO

"Ele é o atleta de maior consistência física do São Paulo", constata o preparador físico Beбето. "Consegue juntar resistência e velocidade", completa José Roberto Calicchio, outro preparador físico. "Como tem facilidade para fazer o trabalho de vaivém, Cilinho pode até jogar em função dele."

Há dois meses, o médico do clube, Marco Aurélio Cunha, levou Zé Teodoro para fazer um teste de capacidade pulmonar na Escola Paulista de Medicina. Ficou impressionado com o resultado. "Ele atingiu uma escala de 70 pontos em 100, mostrando uma capacidade de absorção de oxigênio própria de um maratonista", constata.

"Parece até que o Zé tem um motorzinho amarrado no traseiro", brinca o companheiro Silas. "É franzino, baixo e ninguém bota fé em seu porte atlético. Mas é só lançar a bola na frente que ele chega antes que qualquer um", observa o meia Pita. "Tem a passada de um fundista. É um dos melhores laterais do país", define Márcio Araújo, engrossando o coro de elogios.

Zé Teodoro parece não se entusiasmar com a onda de euforia e resiste aos tapinhas nas costas com frieza. "Estou recomeçando a carreira no São Paulo", alerta.

Seu destino parecia ser o Flamengo, em 1980, ainda júnior. Os clubes já haviam acertado um contrato de empréstimo, mas o Goiás voltou atrás por detalhes financeiros. Dois anos depois, sonhou em tomar o mesmo rumo que o companheiro Luvanor, ven-

Contra o Guarani de Barbiéri, dia 30 de novembro: baixinho e eficiente



ZÉ TEODORO

dido ao Catania, da Itália. Ainda não foi daquela vez. "Este ano fiz um pacto com a diretoria", conta. "Terminado o Campeonato Brasileiro, eu sairia de qualquer jeito. Queria me aperfeiçoar num grande centro." Deu certo, afinal. Decolou para vôos maiores em São Paulo.

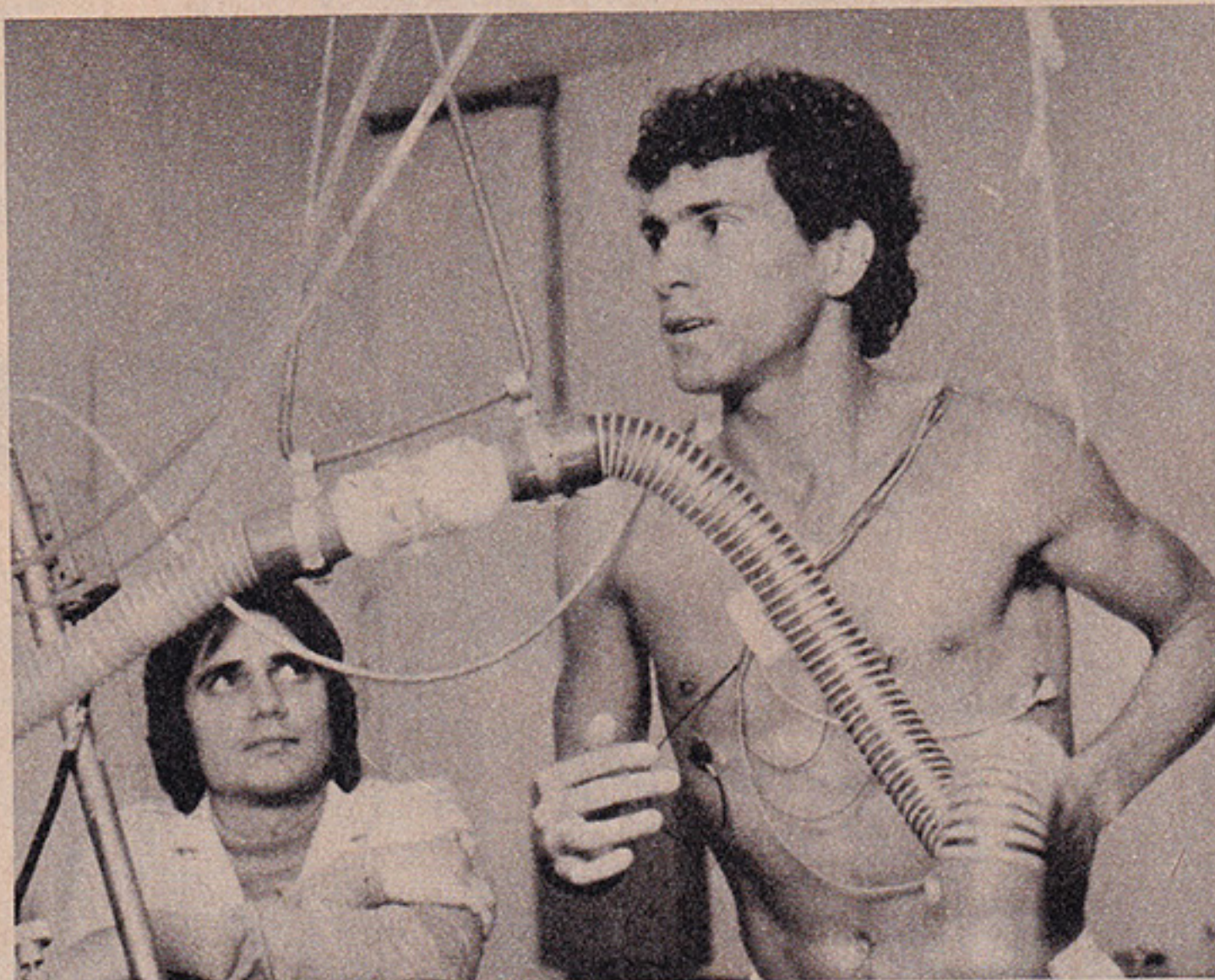
Zé Teodoro merecia: começou aos 14 anos no Goiás, clube que se orgulha de possuir uma boa estrutura no futebol amador. Testou suas aptidões como volante, mas se encontrou como lateral-direito, posição na qual foi lançado no time de cima do Goiás pelo preparador físico Mazinho, na época técnico interino. Chamado para a Seleção Brasileira de juvenis com 18 anos, Zé Teodoro aprendeu a conviver num laboratório encarregado de forjar futuros craques, na companhia de Bebeto, Geovani e Gilmar, hoje no primeiro time do futebol carioca.

CAMPEÃO EM TOULON

Zé Teodoro continuou na Seleção de juniores e em 1983 ganhou uma convocação para a Seleção Brasileira de Novos, dirigida por Sebastião Lapola, tricampeão em Toulon, na França. Ele recita com orgulho aquele seu time inesquecível: Abelha, Zé Teodoro, Leiz, Wilson Gotardo e Nelsinho; Júlio César, Luvonor e Douglas; Geraldo, Mirandinha e Márcio Fernandes. Com dois deles — Abelha e Nelsinho — iria reencontrar-se este ano no São Paulo. Com outros dois — Gotardo e Júlio César — iria cruzar nas semifinais do Campeonato Paulista contra o Guarani. O sucesso no São Paulo faz Zé Teodoro sonhar timidamente com uma vaga na Seleção Brasileira no ano que vem, consciente da carência de bons valores para a posição. "No momento, penso em me dedicar inteiramente ao São Paulo", desconversa. "Ainda não venci o desafio de ganhar o título do campeonato mais disputado do país."

Um dos nove filhos dos baianos Adolfo e Nenzinha — que saíram de Santa Maria, interior da Bahia, para uma arriscada aventura em Anápolis —, Zé Teodoro

Quase foi para o Flamengo e depois para a Itália



Nos testes de absorção de oxigênio: um fôlego de maratonista

tem dois irmãos jogadores: o ponta-direita Gilson Bonfim, 23 anos, do Mixto de Cuiabá, Mato Grosso, e o volante Elvis, 18 anos, júnior do Goiás. Todos os outros ajudam o pai e o irmão mais velho, Fernandinho — um ex-jogador que passou pelo Santos em 1974 —, a tocarem as duas empresas mantidas pela família — a Cereais União e a Comercial Bonfim, ligadas à compra, empacotamento e venda de arroz.

"De duas coisas eu entendo: arroz e futebol", afirma Zé Teodoro, com pose de empresário. Com justo motivo, aliás: na semana passada, ele se matriculava no curso de Administração de Empresas das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), do bairro de Pinheiros, para dar continuidade ao estudo iniciado em Goiânia. "Quando parar de jogar, vou me juntar aos outros para tocar o negócio", planeja. Sócio-proprietário das duas empresas da família, Zé Teodoro ainda empresta a imagem de craque e serve de garoto-propaganda para os produtos que comercializa. Os pacotes do Arroz Bonfim, por exemplo, estampam uma foto de Zé Teodoro dominando uma bola e o slogan "Craque em arroz".

Com salários de 7,5 milhões de cruzeiros, Zé Teodoro, solteiro, está livre de grandes despesas. O São Paulo lhe cede gratuitamente os alojamentos do próprio Estádio do Morumbi, onde ele mora com todas as mordomias — comida, roupa lavada e assistência médica. "Assim, junto a maior parte do que ganho para injetar nas empresas", conta. Seu único luxo

é um Escort comprado há um mês para explorar os pontos turísticos da grande cidade e conduzi-lo à nova faculdade. É caseiro, porém: ainda não rodou 200 km. "É que aproveito as horas de folga para ler muito", esclarece o craque-empresário, sempre atento às páginas de noticiário econômico dos jornais. "Hoje, o Brasil conta a mesma produção de arroz de dez anos atrás", analisa. "Acontece que passamos a importar mais, pois falta incentivo aos produtores", protesta.

Quando se refere ao futebol, trata do assunto com respeito. Até enaltece a profissão

que o tem ajudado a conhecer vários países, fazer novos amigos e a projetar sua imagem. "Acabou-se o tempo em que o jogador era marginalizado e se via confinado ao meio do futebol", acredita. "A profissão já é reconhecida como outra qualquer."

DE VOLTA ÀS ORIGENS

Nem a grande cidade marginaliza o pequeno e ambicioso Zé. No Recanto Goiano, a decoração, os pratos típicos e o som sertanejo das violas da dupla Rob e Rogério levam-no de volta às origens. A mesa, pousa fumegante um "pintado na telha", um dos orgulhos do variado cardápio, que ainda sugere arroz com pequi, gueroba, moranga, cará, jiló e banana frita.

Preso à parede, um quadro exhibe as fotos dos mais ilustres visitantes goianos com passagem pelo restaurante. Trêmulo, após reconhecer Zé Teodoro, o garçom são-paulino Joilson planeja separar uma vaga na galeria. "A foto do Zé já estava fazendo falta", admite com orgulho.

Nelson Urt



*José Ferreira Neto, 1,74 m,
74 kg, no Estádio Brinco de Ouro:
um mestre dos escanteios*

O gordinho genial

Aos 19 anos, o robusto meia do Guarani desconcerta adversários com passes precisos e arremates mortais



NETO

É comum, nos campos brasileiros, a grama rarear nas proximidades do gol, onde atacantes, zagueiros e o goleiro se movimentam num espaço reduzido. O mesmo acontece no meio do campo, onde a maioria das jogadas de uma partida são planejadas. Mas no Estádio do Guarani — o Brinco de Ouro da Princesa —, em Campinas, a grama não cresce de jeito nenhum é ao lado das bandeirinhas de escanteio.

O culpado por isso é o gordinho e brilhante meia Neto, 19 anos: todo dia, com exceção das vésperas dos jogos, ele encerra seus treinamentos ensaiando 60 cobranças de escanteio, hoje uma das mais mortais jogadas do Guarani. “Neto é fera. Ele coloca a bola onde quer”, atesta o goleiro Gilmar, do São Paulo, que sofreu o gol olímpico dele na primeira partida das semifi-

Já o comparam a Puskas e querem vê-lo na Seleção

volvou uma cobrança para o lado esquerdo quase tão boa quanto a do lado direito. “Chuto com os três dedinhos do pé para dar efeito”, descreve.

As faltas, ensaiadas ainda mais exaustivamente — 150 cobranças diárias —, também são especialidade deste virginiano destro com a mão e canhoto com o pé: cinco de seus 16 gols des-

com Falcão, Zico ou Sócrates”, garante Carlos Gainette, técnico do Vitória, de Salvador, que conheceu Neto quando dirigia o XV de Piracicaba, no interior paulista.

Rubens Minelli, treinador do Grêmio, elogia a técnica e o chute de Neto, destaca sua “inteligência privilegiada”, porém critica sua indisciplina tática: “Ele não coopera com o time em termos de cobertura de espaços. É excepcional quando seu time tem a bola, mas quando a perde, ele não se mostra fanático para recuperá-la”. A verdade é que Neto não gosta de marcar, o que no entanto não impede que ele participe de simplesmente todas as jogadas ensaiadas pelo técnico Lori Sandri. “O importante é saber aproveitar as potencialidades de cada jogador”, afirma Sandri. “E Neto tem muitas.”



ARQUIVO PESSOAL

Uma ironia: em 1979, aos 12 anos, era da Ponte, que o perdeu para o maior rival

nais do Campeonato Paulista, no sábado, 30 de novembro.

Foi o quarto gol de escanteio marcado este ano por Neto — os outros aconteceram contra o Inter, de Porto Alegre, o Santos e o Bahia —, embora os juízes invariavelmente anotem a autoria para os jogadores que complementem o lance, mesmo que a bola já tenha entrado. “Contra o São Paulo, colocaram gol de Júlio César. Só contra o Bahia é que deram o gol para mim”, queixa-se Neto, que, de tanto treinar, desen-

ta temporada foram marcados assim. Mas não é só de bola parada que é feito o futebol do menino rebelde com cara de turrão. Dono de uma impressionante visão de jogo, técnica apurada e fantástica habilidade, José Ferreira Neto é capaz tanto de aplicar dribles desconcertantes em espaços curtos como tornar a coisa mais fácil do mundo um lançamento de 40 m. “Com a perna esquerda é perfeito. Tem vaga no meio-campo de qualquer Seleção Brasileira, principalmente se não pudermos contar

acabou reprovado e foi para a Ponte Preta, na qual jogou quase um ano, pelo infantil. Muito pobre (“Eu ia treinar de chinelos porque não tinha dinheiro para comprar sapatos ou tênis”), Neto armou um plano para jogar no Guarani, que concedia ajuda de custo para transporte, ao contrário da Ponte. Num almoço de confraternização dos dois times — dia 7 de setembro de 1979 —, Neto esperou o pessoal da Ponte sair e procurou Egídio Arruda, até hoje diretor de futebol amador bugrino, dizen-

BOLA ATÉ ANOITECER

A maioria delas ele já demonstrava muito antes de pretender ser jogador profissional, nos tempos em que dava muito trabalho para a mãe, dona Maria Aparecida, na pequena Santo Antônio de Posse, a 40 km de Campinas: “Netinho nunca brincou de estilingue, balão ou papagaio. Era só bola, de manhã até a noitinha”, lembra a mãe, com quem Neto mora num apartamento de dois quartos em Campinas, ao lado dos irmãos Jones (centroavante júnior do Guarani), Richard e Maíra. O pai, José Carlos, mora até hoje em “Posse”, como Neto trata a cidade natal, de 15 000 habitantes.

Tanta dedicação só podia dar no que deu: em 1978, Neto estava em Campinas, para testes no Guarani, mas

do que pretendia ir para o Guarani: "Eu respondi que tudo bem", recorda Arruda, "só que ele pediu um prazo de 15 dias. É que a Ponte ia fazer uma excursão pelo sul do país e ele não queria perder".

O SONHO DO PALMEIRAS

Naquela época, Neto tinha 1,60 m e 49 kg. Sim, era magro. As raspadinhas de groselha, os cachorros-quentes e os refrigerantes ainda não o seduziam. Na época, o físico mirrado não o impedia que arranjasse um jeito de faturar uns trocados arriscando as canelas habilidosas. Escondido, participava de alguns jogos entre os marmanjos do União Possense, de sua cidade, que disputava o Campeonato Paulista da Terceira Divisão: "É que eu ganhava 'bicho' normalmente", explica. As coisas começaram a melhorar em 1982, quando Neto disputou o torneio juvenil de Cannes, na França, pelo Brasil. No ano seguinte foi vice-campeão pan-americano, com o técnico Gilson Nunes e, convocado por Jair Pereira, seria vice do Torneio João Havelange, no México, em 1984, e campeão sul-americano no Paraguai, em janeiro último.

A esta altura, o futebol de Neto já era comparado ao de Ferenc Puskas, o genial meia do Honved e da Seleção da

Em casa: com os irmãos Maíra, cinco anos, e Richard, 12



SERGIO BEREZOVSKY



NICO ESTEVES

Contra Müller, do São Paulo, na semifinal paulista: jogando um futebol de craque

Hungria dos anos 50. Aliás, Neto tem até algumas fotos de Puskas, dadas por Pupo Gimenez, seu técnico no juvenil. E, como o húngaro, Neto enfrenta problemas com a balança. Seus atuais 74 kg parecem exagerados para seu corpo de 1,74 m. "É verdade. Só agora, com treinos especiais, é que estou conseguindo acompanhar o ritmo dos companheiros", admite Neto. O que ele não sabe é que os tais "treinos especiais" limitam-se às mesmas movimentações dadas aos outros jogadores. "Só que eu faço adaptações incluindo bola, senão Neto não se aplica como deve", justifica o prepara-

dor físico do Guarani, Francisco Carlos Vigorito.

Além de algo preguiçoso, Neto é irrequieto, falador e bagunceiro. Na noite da véspera do primeiro jogo com o São Paulo, por exemplo, deixou o ponta João Paulo duas horas amarrado numa coluna do estádio. Profissional desde março de 1983, salários atuais de 7 milhões de cruzeiros, Neto, craque doméstico que a televisão apresentou ao Brasil nos jogos de fim de semana do Campeonato Paulista, tem um sonho: chegar à Seleção principal. Acima do sonho, porém, tem uma certeza: quer sair de Campinas e ir para um time grande, no qual as cobranças possam ajudá-lo a superar aquele que considera seu grande defeito — a acomodação. Neto apresenta até uma sugestão para o ano que vem — o Palmeiras. "Já pensou Jorginho cobrando escanteio de um lado e eu cobrando do outro? Ninguém ia agüentar."

Ari Borges

